

## Educação imaginativa ou a utopia pedagógica de Gaston Bachelard<sup>1</sup>

Jean-Jacques Wunenburger  
Université de Lyon III, Lyon, França

Tradução de Ana Laudelina Ferreira Gomes  
Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**RESUMO:** O autor nos informa sobre as dispersas análises bachelardianas sobre a educação encontradas nas obras epistemológica e poética do filósofo da imaginação, as quais desenhariam uma verdadeira utopia pedagógica, no sentido de uma radicalização das possibilidades de vida, na realização criativa da natureza complexa do homem. Nessa filosofia de duas vias, o espírito humano está dividido em duas esferas de representação opostas, a do conceito e a da imagem, num antagonismo que induz a duas psicologias e duas culturas distintas. Em face disso, Bachelard, reivindicaria dois tipos de formação do espírito, uma que se identifica com a formação científica e outra com o despertar da imaginação poética. Enquanto o esforço da abstração científica exige uma educação ascética, iconoclasta, a fecundidade onírica, por seu turno, requer incitações e condições favoráveis que não são reunidas espontaneamente, pois sonhar não vem somente de forças impulsivas e involuntárias. O Mestre é tão necessário para se aceder das seduções sensíveis à verdade sensível, como para aprender a sonhar. Ao seu lado, também o contato com a natureza e o trabalho onírico sobre as matérias, os quais oferecem à imaginação sua tonicidade. Assim, Bachelard teria se preocupado com uma educação que atualizasse dois universos simbólicos opostos, em duas vias de formação e de maturação específicas. A formação para a abstração, que é inseparável da instituição da escola, para levar o espírito a aprender a resistência e a refutação, para entrar na partilha de um saber racional. E o despertar poético (ou onírico), que, pelo contrário, requer o indivíduo em sua solidão cósmica para aceder mais intensamente às energias criadoras das imagens. Dando lugar a essas duas formações, a escola, para Bachelard, deveria ser o local de uma pedagogia dupla e contraditória, onde fosse possível a apropriação da razão e do sonho, inventando um pedagogia da liberdade, tal

---

<sup>1</sup> Tradução livre do artigo intitulado “Education aux images” a partir do original em francês publicado em: WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Gaston Bachelard, poétique des images..* Collection L’oïel et l’esprit, n. 11. Paris : Mimesis, 2012. P. 207-217. O título em português faz referência também ao mesmo artigo na primeira vez que foi publicado sob outro título, a saber : WUNENBURGER, Jean-Jacques. *L’Utopie pédagogique de G. Bachelard.* In: ARAUJO, Alberto Filipe; MAGALHÃES, Justino (Org.). *História, educação e utopia.* Braga: Universidade do Minho, 1998. P. 53-60.

como inventou uma pedagogia da razão monitorizada. Uma escola que estivesse direcionada a uma humanidade bi-fronte.

**Palavras-chave:** formação científica, formação onírica, educação imaginativa, pedagogia bachelardiana

## Introdução

A obra de G. Bachelard pode ser apreendida, antes de tudo, como uma psicologia descritiva das atividades racionais e oníricas do espírito humano. Ao dar conta da construção genética da ciência e ao explorar a poética da imaginação criadora, Bachelard tem, de fato, contribuído para renovar e enriquecer as categorias de análise das produções intelectuais. No entanto, por meio dessa psicografia dinâmica, Bachelard permite filtrar numerosas recomendações com valor educativo e ético. Essa preocupação normativa, que vai além de seu empreendimento fenomenológico, é particularmente viva quando se trata de reportar à educação do espírito da criança. Suas análises da dialética do conceito e da imagem, longe de respaldar a organização dominante da formação escolar, servem de fato como âncora às indicações subversivas, às propostas revolucionárias no âmbito da escola. Se pode mesmo estimar que as análises bachelardianas na educação, por dispersas que elas sejam na sua obra epistemológica e poética, contribuem para desenhar uma autêntica utopia. Não no sentido de uma reconstrução artificial do homem que buscaria protegê-lo da vida e da história, mas no sentido de que o utópico constituiria uma espécie de radicalização das possibilidades da vida, uma realização criativa da natureza complexa do homem. Bachelard pode, portanto, ser entendido como o portador de uma filosofia da educação revigorante, muitas vezes mascarada por suas principais contribuições à epistemologia e à crítica literária.

### 1. *Formação científica e poética*

Desde o dia em que Bachelard tomou a decisão de se dedicar também ao estudo das leis da imaginação poética e onírica, libertando-se assim um pouco da filosofia da ciência, ele desenha cada vez mais claramente o retrato de um espírito humano dividido em dois, evoluindo simultaneamente em duas esferas

de representação opostas, a do conceito e a da imagem, que se repelem como o dia e a noite. Este nítido antagonismo induz duas psicologias e duas culturas altamente diferenciadas, embora se alimentem das mesmas imagens primeiras, que se entrecruzam numa confusão espontânea de representações de matérias, formas e movimentos, unidas por cargas afetivas que descem ao inconsciente. Bachelard é assim conduzido a reivindicar dois tipos de formação do espírito, os quais se identificam um com a formação da abstração científica, o outro com o despertar da imaginação poética, um no contexto da cidade e da escola, o outro no da solidão inspirada e encantada.

Muito marcado pelo positivismo francês (de Auguste Comte a Léon Brunschvicg) que associou progresso racional a um avanço permanente na abstração científica, Bachelard quer encontrar na gênese cultural da ciência moderna e contemporânea o modelo de desenvolvimento do espírito do aluno. Para tanto, o trajeto imperativo de acesso à racionalidade passa por um trabalho de desvitalização das imagens espontâneas, que é análogo a uma psicanálise do espírito, responsável por livrar as representações de objetos exteriores de suas projeções afetivas, ainda mais forte por elas estarem parcialmente inconscientes. A imagem espontânea, pela qual o sujeito e o mundo perdem suas fronteiras e suas propriedades, deve, portanto, ser objeto de uma retificação contínua, a fim de libertar dela uma informação abstrata, analítica, adequada às formalizações e à matematização. Alinhando-se assim a uma posição construtivista do conceito, para o qual um conceito é tanto mais portador de verdade quanto mais se distancia das qualidades sensíveis, Bachelard insiste sobretudo na necessidade de uma dialética contínua, na medida em que qualquer nova forma de abstração sempre revela inadequação, impureza, obrigando assim a razão a se voltar sem cessar contra si mesma e contra novas formas de resíduos de imagens. O conceito, não só se vê assim dessubstancializado e perpetuamente desestabilizado, mas como o indica "A filosofia do não", deve novamente ser confrontado com um conceito negativo, menos para totalizar as determinações como na dialética de Hegel, do que para se liberar os últimos traços de empirismo e concretude. A racionalidade específica da física contemporânea torna-se assim o paradigma de uma

abstração que serve para conduzir todo o espírito. Desse modo, Bachelard rompe com a ideia de figura acabada, insuperável pela forma conceitual, tal como as filosofias progressistas anteriores a promoveram, e defende uma espécie de ativismo incessante da abstração, que está sempre em **devir de novidade (curso de evolução)**. O conhecimento científico é, portanto, definido como uma conquista sem fim de um objeto em si mesmo, sem que ele jamais possa repousar na apreensão final de uma realidade em si. É por isso que Bachelard, na esteira de André Lalande, assimila a aprendizagem do pensamento científico a uma capacidade de manejar voluntariamente uma "razão constituinte" recusando qualquer parada em uma "razão constituída". Não é surpreendente, então, que Bachelard pudesse ter sido seduzido pela pedagogia de um Korzybski, em quem encontra sistematizada uma educação da contradição criativa, que deve permitir que a organização das representações seja constantemente modificada. Sem dúvida, a exigência de tal dialética racional permaneceu, em muitos aspectos, uma simples orientação de pensamento, carente de enunciação de uma metodologia prática. Bachelard abriu, portanto, um espaço para a criatividade abstrata, para a qual falta ainda inventar os exercícios e seus padrões de avaliação.

Em contraposição a essa formação abstrata, Bachelard nunca deixou de dar uma identidade, uma consistência, uma autonomia a um conjunto de atividades psíquicas que se instalam nas imagens para explorá-las, fazê-las ressoar e vibrar, transformá-las, conduzi-las a metamorfoses criativas. O devaneio livre como atividade poética, seja de criadores literários ou de simples leitores, surge como processos de simpatia ativa pelas imagens, de posse lúdica, de apropriação profunda. Lá onde a atividade científica constrói um conceito do real pela redução das imagens, a atividade poética se engaja, ao contrário, numa ativação das imagens, numa intensificação de seu potencial de irrealidade ou mais exatamente de surrealidade. Porque a imagem não é uma representação que a imaginação produziria variações por simples combinações e associações, como queria uma velha teoria da imaginação reprodutiva. Ao invés, ela deve ser assimilada a uma espécie de matéria-prima que se deixa trabalhar por uma imaginação dinâmica ávida por novidades e profundidades

insuspeitadas, mas segundo as linhas de força de simbolizações reguladas. É necessário, portanto, libertar em cada um, uma criatividade poética, que encontra na configuração da imaginação simbólica e afetiva suas disposições e suas leis, mas cujo desenvolvimento deve ainda ser estimulado pelo despertar da imaginação, pela luta contra a tendência ao estereótipo ou à sobredeterminação aprendida das imagens. Em outras palavras, se o esforço de abstração científica requer uma educação ascética, iconoclasta, por sua vez, a vitalidade e a fertilidade oníricas requerem um certo número de incentivos, condições favoráveis, que não estão reunidas espontaneamente. Por sua ambiciosa concepção de uma criatividade imaginativa regulada e constantemente renovada, Bachelard leva, portanto, a uma educação dos devaneios da alma, que contrasta com a pseudo-espontaneidade e a passividade do imaginário fantasmagórico, tal como foram valorizadas por muitas psicanálises. Certamente não se aprende a sonhar sob a orientação de um Mestre tal como se prepara para se livrar das seduções sensíveis a fim de aceder à verdade científica. Mas ainda é preciso colocar a criança ou o homem em situação de devaneio, o que para Bachelard passa por uma verdadeira política do viver, do agir, do habitar. E sabemos o quanto Bachelard atribuía importância à presença da natureza, a suas matérias e substâncias, aos gestos do artesanato ou aos recursos da casa rural para devolver à imaginação sua tonicidade.

## *2. Formar o homem à imaginação?*

Em que condições a imaginação, ao mesmo título que a razão, pode estar no cerne do projeto de formação humana a garantir um enriquecimento do ser, um despertar do sentido dos valores, uma conquista da liberdade? Em que consiste então a educação da imaginação? A imaginação só se torna criativa apenas na condição de não ficar exclusivamente dependente das forças sombrias e anárquicas do Eu. Sonhar, elaborar ficções, criar uma obra, não são responsabilidade exclusiva das forças impulsivas e involuntárias. É por isso que G. Bachelard quer distinguir as imagens espontâneas, espelho fantasmático da noite inconsciente, e o devaneio engendrado por um Cogito do sonhador. O imaginário noturno introduz uma cisão no ser e deixa nas sombras uma

enxurrada de imagens desintegradas. Ao contrário, o Eu sonhador, quando é consciente, é energético, extrovertido, capaz de captar no mundo matérias e formas e, por uma força criadora, lhes transformar em novas imagens. Enquanto o sonhador do sonho noturno é uma sombra que perdeu seu eu, o sonhador do devaneio, se for um pouco filósofo, pode, no centro de seu eu sonhador, formular um *Cogito*. Em outras palavras, o devaneio é uma atividade onírica na qual um vislumbre de consciência subsiste (BACHELARD, 1960).

Nessa perspectiva, a educação não deve ser cúmplice das regressões complacentes da criança às imagens infantis, no sentido da psicanálise freudiana, mas, ao contrário, deve enxertar a imaginação com atividades que a tornem dinamogênica. para ascender em direção ao mundo. É por isso que a imaginação, de acordo com Bachelard, é menos a faculdade do irreal do que a do surreal.

Como corolário, não podemos atribuir imediatamente à imaginação uma profusão de imagens e de símbolos, verdadeiro tesouro interior que bastaria para proteger da cultura externa e socializada ou para deixar fluir sem constrangimentos. Na maioria das vezes a imaginação é anêmica ou estéril se não for ativada, semeada, formada: pedagogias generosas, mas enganosas, que conferem à criança uma criatividade espontânea favorecem senão a objetivação de estereótipos, clichês, ou esboços efêmeros. Há, portanto, uma pedagogia do imaginário, que, sem violência ou condicionamento, que restringiria de novo a liberdade, deve saber encontrar as condições de uma metamorfose das imagens primeiras, de um desdobramento simbólico sobre o fundo de um viveiro de arquétipos. Um ambiente de imagens substanciais, feitas de poesias, de mitos e de obras de arte, uma língua literária bem solicitada para fazer jorrar a poética das palavras, longe de levar a um mimetismo esclerosante, permitindo assegurar uma criatividade pessoal e libertadora dos fantasmas.

Enfim, o imaginário deve encontrar progressivamente um estatuto axiológico que lhe confere, aos olhos do sujeito, dignidade e reconhecimento. Levar a criança a domesticar o imaginário e controlar as imagens, é abrir-lhe um espaço que é feito de liberdade e mistério, maestria e surpresa. Pois a

atividade imaginativa não tem fim jamais, porque a imagem foge à objetivação, ao inventário, à disciplina. A imaginação é aquela função pela qual o homem vive a experiência de alteridade, de outro lugar, do ilimitado, do Absoluto. Ela é inseparável de uma dimensão ética. Assim, aparece bem que a vocação bachelardiana a explorar a vida da imaginação e a lógica do imaginário não se reduz a um interesse especulativo, nem mesmo estético. A imaginação parece-lhe, antes de mais nada, como o meio para o homem se aliviar ou mesmo se curar de suas perturbações psíquicas, de sua estrutura neurótica, até mesmo de seu mal estar existencial, marcado pela angústia e pelos medos primitivos. As imagens dispõem assim de um coeficiente de equilíbrio, de Mesmo ao contato com imagens negativas, a imaginação encontra o mecanismo para compensar sua face sombria e para começar um devaneio feliz, seguindo em particular as forças dinâmicas sugeridas pelas imagens de verticalidade, liberação e de felicidade. que contribuem para estruturar a vontade, para exorcizar as trevas das imagens de queda (BACHELARD, 1948). Seria até interessante usar do imaginário das matérias e mesmo das imagens do trabalho sobre as matérias para aliviar e modificar um psiquismo em sofrimento, em resumo, para dirigir uma intervenção terapêutica e clínica (sob o modelo da psicoterapia de Robert Desoille ou de Ludwig Binswanger). É por isso que Bachelard muitas vezes faz com que suas análises sejam acompanhadas por recomendações pragmáticas destinadas a controlar melhor o dinamismo das imagens, para viver melhor, até mesmo para alcançar uma espécie de sabedoria, uma plena realização do ser. A psicologia do imaginário torna-se então inseparável de uma ontologia e mesmo de uma metafísica, que tem como fim uma arte de viver.

É por isso que, no fim das contas, a imaginação é portadora de uma energia moral, de uma orientação do ser para se colocar de pé a se opor às forças negativas com uma vontade de viver positiva, que torna possível tornar-se verdadeiramente homem. As páginas consagradas à Nietzsche (BACHELARD, 1943) testemunham esse ponto de vista das afinidades de Bachelard com uma ética voluntarista, animada de um desejo de superar, por uma dialética incessante dos valores, a oposição trágica do mal e do bem.

Por mais valiosa que a imaginação possa ser, ela não teria como exigir

tornar-se um império dentro de um império; o valor da imaginação ativa se mensura pela resistência mesma que o real e o racional lhe oferecem, o ser lá das coisas empíricas e a informação objetiva inerente aos conceitos. Longe de impulsionar ou negligenciar ou minimizar a acuidade dos sentidos ou a justeza das operações racionais, uma pedagogia da imaginação deve repousar sobre uma tensão permanente entre a necessidade e a liberdade, entre a objetividade e a subjetividade. Mais ainda, é talvez aprofundando o antagonismo que devolvemos a cada pólo de nossas representações seu verdadeiro destino.

### **3. A sociedade escolar e a solidão cósmica**

Portanto, a partir do enraizamento psíquico de um imaginário imediato que nos fecha em uma subjetividade passiva, importa na educação atualizar dois universos simbólicos opostos, seguindo duas vias de formação e de maturação específicas, que exigem uma ruptura simétrica com a experiência cotidiana ou com a cultura dominante. A primeira passará pela disciplina escolar do ensinamento científico, que deve contrariar os afetos do Eu por uma socialização da razão, a segunda, ao contrário, deverá permitir os meios de uma reapropriação da imaginação através dos ritmos corporais, dos devaneios ao contato das matérias e dos movimentos, das alegrias do verbo poético.

A formação à abstração é inseparável da instituição da escola, que é a única a poder se opor aos interesses pulsionais e fantasmáticos do conhecimento. A verdade do conceito passa pela comunidade escolar, a única que pode obrigar a razão indolente a entrar em contradição com ela mesma. A formação científica, portanto, torna-se uma oportunidade para a mente aprender a resistência e refutação a fim de que possa entrar no compartilhamento do conhecimento racional, onde a preeminência do Eu deve dar lugar à autoridade interpessoal do Nós. É por isso que Bachelard faz do ensino de ciências uma disciplina austera onde a subjetividade é convidada à conquistar lentamente a objetividade, quer dizer, o reino do universal e do necessário. A imaginação poética, por outro lado, é de responsabilidade exclusiva do indivíduo, cujas energias criativas das imagens nunca cessam com mais intensidade do que na solidão. Sonhar é a recompensa daqueles que, longe



das injunções da razão pragmática ou normativa, se dedicam ao lazer, ao caminhar, à leitura. Sem dúvida, Bachelard valoriza ainda mais os recursos da solidão do leitor ou do sonhador em contacto com os espetáculos naturais, ele que encontrou neste isolamento forças para desenvolver sua filosofia de imaginação criativa, em desacordo com a profissão de professor ou com a condição de morador de Paris. Resulta que a solidão do sonhador não significa desocialização e ainda menos regressão da cultura. Imaginar é sempre uma maneira de herdar imagens, de cultivá-las, de reativá-las, o que supõe um certo meio favorável onde leitura e trabalho fortificam o imaginário.

Nesse sentido, não podemos deixar de antecipar os contornos de uma pedagogia bachelardiana alternativa, que congrega a família e a própria escola nessa redescoberta ativa pela criança de seus poderes imaginativos. Pois a emergência da imaginação material, que Bachelard costumou associar aos gestos de uma sociedade pré-industrial, da qual ele foi uma das últimas testemunhas, pode ser preparada e fomentado dentro da própria escola. Para Bachelard, o trabalho manual, a imersão na natureza, por exemplo, são tantas das atividades que podem alimentar e ativar imagens, afastando ensinamentos abstratos. Em paralelo, a descoberta ativa das imagens literárias, pela leitura e escritura, só pode favorecer a função do irreal, a exploração das polaridades e das ambivalências das imagens ou atualizar os arquétipos, etc. Bachelard certamente não formulou reformas pedagógicas específicas, nem mesmo as encorajou explicitamente. O fato é que toda sua poética atesta que a imaginação só pode revelar seus poderes de criatividade em se beneficiando de condições favoráveis, que na verdade decorrem de uma profunda libertação dos grilhões impostos pela sociabilidade racional. E não vemos porque o ambiente escolar não possa criar uma pedagogia da liberdade poética tal como inventou uma pedagogia da razão monitorada. Trabalhar as imagens escritas ou plásticas, abrir os espaços-tempos do devaneio, jogar com os ritmos corporais, são todas iniciativas que a escola pode promover para afastar a criança da cultura abstrata. Em todo caso, seria uma educação anti-iconoclasta, na verdade iconófila, que, em alguns aspectos, revela-se uma utopia, na maior parte do tempo. A escola poderia, portanto, tornar-se o lugar de uma pedagogia

contraditória onde a criança seria conduzida a se apropriar alternadamente da razão e do sonho.

#### 4. Em direção a uma *humanidade* bi-fronte

Se Bachelard abre assim caminho para duas escolas em uma, para uma educação dupla e contraditória, torna-se claro que o propósito da educação não pode mais ser reduzido à formação de um homem unidimensional, sustentado unilateralmente por ideologia ou uma filosofia racionalista. Pois a tarefa da escola e da educação em geral é, de fato, implantar a dupla dimensão de toda a humanidade. Se, desde o Iluminismo na Europa, a escola foi encarregada de ter por única missão desenvolver nas crianças a dimensão diurna, única dimensão que se presume compatível com o ingresso na sociedade cidadã, caberia, seguindo Bachelard, duvidar de que entrar na vida humana exige de fato dar a cada um o poder de desenvolver, simetricamente, o sentido do abstrato e do concreto, o dos conceitos e o das imagens. Pois o ser profundo do homem se desdobra irreduzivelmente segundo duas modalidades, a de uma relação voluntarista e viril com o mundo, que alimenta seu *animus*, e a de uma relação íntima fusional, em uma palavra feminina ou mesmo materna, que promove sua *anima*. Como o psicólogo C. G. Jung, Bachelard está convencido de que a realização do homem inclui uma animação mútua dessas duas polaridades de seu ser, mesmo que elas não possam ter a mesma força. Se a razão responde maciçamente às necessidades do *animus*, a imaginação acaba se revelando superior a ele, na medida em que, por meio do mundo dos sonhos, o homem pode viver tanto no modo da *anima* quanto no do *animus*. Tanto a destinação científica exalta o único poder afirmativo, quanto a poética autoriza a conjugar as duas relações com o mundo, segundo a vontade e segundo o repouso, para retomar os títulos dados por Bachelard às suas duas obras consagradas à Terra. Nesse sentido, o desenvolvimento da criatividade do imaginário é muito mais apropriado para atender à totalidade das necessidades da alma do que a própria ciência que favorece os interesses únicos do conhecimento verdadeiro, enquanto o devaneio leva em conta as duas faces do ser.

Resulta que, para além das faces da racionalidade e do imaginário, cada ser realiza a experiência de uma fragilidade ontológica que vem como uma ameaça à felicidade que acompanha o domínio da ciência e a tonalidade eufórica da poética. De fato, para Bachelard, as criações do espírito, em sua dupla vertente, constituem de fato tipos de sublimações de uma fissura arcaica, que rompe a plenitude do ser por uma negatividade original. Pois a negatividade que está em ação, tanto na construção dialética dos conceitos quanto na das imagens, nem sempre é uma força crescente, ascendente. Ela é apenas a inclinação positiva de uma negatividade de baixo, aquela que às vezes se descobre na vertigem, primeiro física, depois afetiva, enfim ontológica, sob a face do morto. A sabedoria bachelardiana, por mais otimista que possa parecer, sempre é assombrada por uma sombra trágica. Essa melancolia bachelardiana certamente nunca abala as promessas do devir de si mesmo, que é chamado a subir cada vez mais alto, na crista da abstração e do devaneio. Mas ela mostra, discretamente, como as tendências bachelardianas à utopia, à criação de modos sempre novos de representação, nunca cedem a uma espécie de fanatismo, de totalitarismo da transformação, como ilustraram tantas formas de educação, individuais ou coletivas, recentes. Todas as inovações, criações e metamorfoses jamais poderiam acabar com a finitude, condenando assim qualquer forma de prometeísmo a conhecer o declínio e a morte. Portanto, não é sem interesse constatar que a obra bachelardiana termina com a imagem da Fênix, esse pássaro místico que morre no fogo antes de renascer para a vida. Confissão que atesta que a razão como a imaginação não podem se libertar da roda irremovível do tempo, marcando assim de um lapso todas as formas de educação do homem que impedem a felicidade de pensar e o sonho de aprofundamento num absoluto ilusório.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes: essai sur l'imagination du mouvement*. Paris : José Corti, 1943.

BACHELARD, G. *La Terre et les rêveries du repôs: essai sur ls images de l'intimité*. Paris: José Corti, 1948.

BACHELARD, G. *La Póétique de rêverie*. Paris: PUF, 1960,

Recebido em: 08/2021  
Aprovado em: 09/2021

